Sonhos e Labores – O Cinquentenário do Primeiro Departamento de Ciência Política do Brasil (Belo Horizonte, Editora UFMG, 2018)

50 anos do DCP – um prefácio

Simon Schwartzman

Em 1966, exilado em Buenos Aires, recebi uma oferta da Fundação Ford de uma bolsa para meus estudos de doutorado nos Estados Unidos, com o entendimento de que, se possível, voltaria depois ao Brasil para fazer parte do Departamento de Ciências Políticas da UFMG, cuja criação eles estavam apoiando. Liderada na América Latina por Peter D. Bell, a Fundação Ford naqueles anos teve um papel muito importante para assentar as raízes das ciências

sociais na região e apoiar os estudantes e intelectuais vitimados pela repressão dos governos militares no Brasil, Chile e Argentina[1].

Em dezembro de 1968, tendo terminado os créditos do curso de ciência política na Universidade da California, Berkeley, voltei para Belo Horizonte, no meio a um clima político insuportável desencadeado pelo AI-5 poucas semanas antes. Não tive como permanecer, e alguns meses depois o chefe do Departamento, Júlio Barbosa, o reitor, Gérson Boson, e vários professores foram aposentados compulsoriamente pelos militares. Mas o projeto do Departamento sobreviveu e foi fundamental na implantação da moderna ciência política no país.

Não ter ficado foi para mim uma decepção, porque o projeto do DCP vinha ganhando forma desde quando, junto com Fábio Wanderley Reis e Antônio Octávio Cintra, fazíamos o curso de sociologia e política da FACE, fomos juntos para a FLACSO no Chile em 1962, e anos depois, partimos cada um para seu doutorado em Harvard, MIT e Berkeley. Os anos de faculdade foram um tempo de muitas leituras, discussões e engajamento político, que ficaram documentados no número 4 da revista *Mosaico* de 1961[2], do Diretório Central dos Estudantes, editada por Vinícius Caldeira Brant e ilustrada por Amaury Guimarães de Souza, com um grande “Basta!” na capa, o lema de “abrir as portas da universidade para o povo” na primeira página, e uma série de artigos sobre as diferentes versões da alienação dos brasileiros que precisavam ser superadas.

Os dois anos da FLACSO foram importantes, para mim, para mostrar que fazíamos parte de um continente latino-americano que ignorava, que havia vida inteligente além dos sociólogos franceses que devorávamos, e que não só era possível, mas necessário distinguir entre a militância política e o trabalho acadêmico, cada qual com suas responsabilidades próprias, tal como Max Weber havia explicado décadas antes. Outra coisa que aprendi naqueles anos foi como a pesquisa quantitativa podia abrir perspectivas e conhecimentos novos, que não estavam nos livros e nem surgiam espontaneamente de nossas elucubrações.

---

[1] Puryear, Jeffrey M. "Higher Education, Development Assistance, and Repressive Regimes." Studies in Comparative International Development (SCID) 17, no. 2 (1982): 3-35.

[2] https://archive.org/details/mosaico4

Um outro entendimento, que se consolidou depois no doutorado, foi que a política não era um simples reflexo do que ocorria na economia e na sociedade, mas tinha uma especificidade própria, expressa no sistema partidário, nos processos eleitorais e nas instituições governamentais; e que a democracia era um valor importante a ser preservado, ao lado de outros associados às condições de vida e de posição social. Havia vários brasileiros fazendo seus doutorados nos Estados Unidos naqueles anos, nos reunimos algumas vezes, e fiquei encarregado de receber, copiar e compartir, por correio desde Berkeley, os artigos e trabalhos de curso que fazíamos, numa antecipação da Internet.

Foi também a época em que os computadores começaram a se tornar mais acessíveis, e várias universidades nos Estados Unidos criaram arquivos de dados de pesquisa que podiam ser usados por estudantes e pesquisadores interessados em ir além do seu uso inicial pelos que os coletaram. Para os cientistas políticos, um dos mais importantes eram os dados de pesquisas eleitorais, que permitiam entender os processos político-eleitorais em grande escala. Ainda tenho uma proposta que fiz em 1967 de criar junto ao DCP um Centro de Dados Sócio-Políticos que reunisse informações estatísticas, eleitorais e de políticas públicas dos municípios brasileiros, que servisse de base para as atividades de pesquisa, ensino e docência do departamento, unificando desta maneira o ensino e a pesquisa de forma inédita no Brasil[3]. O projeto não chegou a ser implementado, era provavelmente irrealizável, mas o DCP, nos anos seguintes, teve um papel de central no entendimento dos processos político-eleitorais a abertura política do país.

Este livro, em sua abrangência, mostra como o projeto do DCP fui muito além do que imaginávamos cinquenta anos atrás. Ter participado deste início foi muito importante para mim, e foi com grande emoção que recebi o convite para escrever este pequeno prefácio.

Boa leitura.

[3] https://archive.org/details/BasesDeDados_642